

OS CINCO PILARES DO CONTRABANDO

LUÍS FILIPE MAÇARICO - Antropólogo

Lisboa, Dezembro de 2004

Documentos antigos confirmam a existência secular do contrabando, passagem clandestina de bens e mercadorias entre dois países, para evitar o pagamento de taxas alfandegárias. Miguel Ángel Melón Jiménez, em *"Hacienda, comercio y contrabando en la frontera de Portugal, siglos XV-XVIII"* apresenta provas desta actividade ter atraído, no século XVIII, militares, religiosos e criadas de nobres, os quais buscavam no território português géneros com bastante aceitação no território espanhol, como musselinas, tecidos de algodão, vinho, aguardente e sal.

Contudo, foi entre 1935 e 1960, nas zonas fronteiriças de Campo Maior, Elvas, Sobral da Adiça e Santana de Cambas, que esta actuação irrompeu em larga escala, chegando a organizar-se, segundo Francisco Neto, grupos de sessenta homens carregados, para atravessar a fronteira.

Indivíduos de 50 anos, com jovens de 20, contrabandeavam para sobreviverem à miséria dos campos do Alentejo. E do outro lado, para enfrentar as dificuldades do pós-guerra civil de Espanha, formavam-se grupos semelhantes, que no Alentejo procuravam, essencialmente, o café da sobrevivência. Há relatos e testemunhos de mulheres que, praticaram esta actividade.

A poetisa Rosa Dias referiu-nos o caso de uma contrabandista mítica de Campo Maior, Maria "Esdé", - "A Gadanha", que *"sofreu muito para poder dar de comer a sete filhos."* Em Outubro passado tivemos a possibilidade de entrevistar Catalina Passión, agora com 84 anos, que confirmou ter transportado, durante anos, géneros diversos, desde Santana de Cambas, atravessando a volta falsa.

O presente artigo pretende sintetizar uma investigação que principiou há alguns meses, e ao longo da qual foram escutados dezenas de indivíduos, alentejanos e andaluzes, ex- caminheiros e freteiros, ex-comerciantes e ex-guarda-fiscais.

Importa esclarecer que os caminheiros eram os indivíduos que tinham a responsabilidade de liderar o grupo de freteiros (transportadores), conduzindo-os a compradores andaluzes, que integravam a rede. O transporte dos carregos era combinado, entre o fornecedor (comerciante, proprietário de uma venda) e o caminheiro, fazendo parte desse acordo a definição dos preços e constituição da equipa.

A MISÉRIA

Num tempo de Guerra e Fascismo, a pobreza e o desemprego afligiam inúmeros portugueses e espanhóis. Este contexto político-social, abordado por Fernando Rosas na *"História de Portugal"* de José Mattoso (7º volume), foi decisivo para o envolvimento de multidões de desfavorecidos no contrabando.

AS RAIAS

Atravessar rios e obstáculos policiais, com cargas pesadas, buscando a dignidade da côdea essencial, tentando sobreviver, resistindo às dificuldades, foi a solução de muita gente das terras raianas que se aventurou, comprometendo a própria vida. A pesquisa bibliográfica e as entrevistas que realizámos documentam sobremaneira esta afirmação.

A GUARDA

Procedendo a constantes perseguições, prisões e até a linchamentos, a Guarda-Fiscal e os carabineiros zelavam pela hipótese dos Estados taxarem as mercadorias; sem o transporte ilegal de bens teriam a profissão ameaçada. Uns não existiam sem os outros... Por isso, também aconteceram actuações mais humanas por parte de alguns elementos policiais, e até houve contrabandistas que viraram guardas...Um ex-elemento da Guarda-Fiscal entrevistado contou-nos episódios que integram o repertório lendário dos povos da raia.

A AUDÁCIA

A ousadia foi o motor fundamental desta actividade. Muitos arriscaram-se sozinhos, outros organizaram-se em grupos. A organização do contrabando passava por pactos de segredo e solidariedade que contribuíam para desenvolver localmente comércios e estatutos sociais. O caso mais notório é o do comendador Rui Nabeiro, em Campo Maior. No concelho de Mértola, por exemplo, tornou-se famoso, pela actividade de caminheiros e freiteiros, gerada em torno da sua venda, um comerciante, conhecido pela alcunha do "Marrocos", por ser oriundo do Monte com essa designação.

OS RISCOS

Os rios, os afogamentos, os tiros, por vezes certos (soubemos que houve guardas fronteiriços que mataram contrabandistas, por ser uma das formas de regressarem - nem que fosse por castigo - ao Norte, de onde eram oriundos), as traições dos ameseiros (denunciantes), com o conseqüente abandono de cargas, devido ao receio de serem apanhados, eram o preço da ousadia e do desespero. Que alimentavam a heroicidade. Celebrada pelo imaginário popular e por poetas, escritores, lendas, efabulação e até alguns artigos, investigações e intenções políticas locais...

A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA

Três décadas depois do 25 de Abril, ainda não foram criados espaços memoriais que evoquem a história de pessoas e objectos, para ajudar a Comunidade a balizar o passado, na caminhada para o futuro. Com testemunhos documentais e audio-visuais.

Sabemos que o presidente da Junta de Freguesia de Santana de Cambas, José Rodrigues Simão, pretende concretizar este desiderato. Lançou recentemente um concurso de pintura, cujo tema é o contrabando, destinado a perpetuar em tela o olhar dos pintores do concelho de Mértola, acerca das representações colectivas que as lembranças produziram.

Oxalá os seus sonhos se realizem, no sentido do enriquecimento cultural das novas gerações! E que este assunto seja alvo das mais diversas e complementares abordagens, pois defendemos que ninguém é dono de verdades absolutas e que o conhecimento é para partilhar.